

Reflexões sobre o comportamento dos alunos da educação de jovens e adultos em relação aos adeptos das religiões de matriz africana

Gláucio da Gama Fernandes

Professor de Ensino Religioso da Semed Manaus. Graduado em Ensino Religioso pelo CENESCH. Pós-graduado em História e Cultura Afro-brasileira e Africana pela Faculdade Tahiri. Graduado em *Ciências da Religião* pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Presidente da Associação dos Cientistas da Religião e dos Professores de Ensino Religioso do Amazonas (ACREPERAM). Participante do Grupo Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES)
dagamadiversidade@hotmail.com.

Marcos Vinicius de Freitas Reis

Doutor em Sociologia/UFSCar. Professor de História e Relações Internacionais /UNIFAP, no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História; Professor do Mestrado Acadêmico em História pela UNIFAP e no Curso de Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas; e na Graduação em Relações Internacionais. Coordenador do Grupo Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES).
marcosvinicius5@yahoo.com.br

Resumo

A pesquisa visou investigar a postura dos alunos da educação de jovens e adultos em relação àqueles que professam a fé no culto das Religiões de Matriz Africana. Pretendíamos identificar as motivações e as posturas frente a intolerância religiosa vivida em sala de aula, a fim de estabelecer o diálogo e a alteridade entre eles. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Rubens Sverner, situada na zona norte de cidade de Manaus, tendo como participantes os alunos da Educação de Jovens e Adultos do 2º Segmento, Fase 4ª e 5ª, correspondente aos anos finais do Ensino Fundamental. Como resultados, pudemos perceber o nível de preconceito, de resistência em estudar ou falar sobre a temática das Religiões de Matriz Africana em sala de aula. Como estratégia buscamos inserir o assunto por meio de uma oficina de turbante que levou os alunos a entenderem a Cultura Africana e todo o seu conhecimento civilizatório presente na cultura brasileira e amazonense. A investigação da pesquisa foi organizada a partir da participação dos sujeitos (alunos) no contexto da sala de aula, onde de forma espontânea, responderam algumas questões norteadoras para o processo de coleta e análise de dados. Não obstante, a pesquisa seguiu uma abordagem fenomenológica, apoiada em bibliografias estudadas por teóricos como Pedro Oro, Cristina Tramonte, Mario Giordano, Erisvaldo dos Santos dentre outros, que nos ajudaram a compreender o universo mítico-religioso das religiões de matriz africana.

Palavras-chave: Religiões de Matriz Africana. Intolerância Religiosa. Liberdade de crença.

Reflections on the behavior of students of youth and adult education in respect of adopts of african matrix religions

Abstract

The research aimed to investigate the posture of students of youth and adult education in relation to those who profess the faith in the cult of African Matrix Religions. We wanted to identify the motivations and the postures in front of the religious intolerance lived in the classroom, in order to establish the dialogue and the otherness between them. The research was carried out at the Rubens Söerner Municipal School, located in the northern part of the city of Manaus. Participants included students from the 2 and Education Segments, Phase 4 and 5, corresponding to the final years of Elementary School. As results, we could perceive the level of prejudice, of resistance in studying or talking about the theme of African Matrix Religions in the classroom. As a strategy we sought to insert the subject through a turban workshop that led the students to understand African Culture and all its civilizing knowledge present in Brazilian and Amazonian culture. The investigation of the research was organized from the participation of the subjects (students) in the context of the classroom, where spontaneously answered some guiding questions for the process of data collection and analysis. Nevertheless, the research followed a phenomenological approach, supported by bibliographies studied by such theoreticians as Pedro Oro, Cristina Tramonte, Mario Giordano, Erisvaldo dos Santos, among others, who helped us to understand the mythical-religious universe of the religions of African matrix.

Keywords: African Matrix Religions. Religious Intolerance. Freedom of Belief.

Introdução

A pesquisa teve por finalidade apresentar uma reflexão sobre como é a postura dos alunos em relação aos adeptos das Religiões de Matriz Africana quando trabalhada a temática em sala de aula. Nosso objetivo foi analisar entre os alunos, as motivações que levam a uma postura indiferente com os àqueles que professam a fé nas Religiões de Matriz Africana, analisando o nível de respeito, de convivência e de aceitação dos mesmos no ambiente escolar.

É importante salientar que alguns conceitos precisam ser desmistificados, ou seja, compreendidos, principalmente no que tange à cultura e à religiosidade africana presente no seio da sociedade brasileira e amazonense. Contudo, se faz necessário que os alunos

aprendam a reconhecer a experiência do outro como válida e importante para uma convivência saudável na sociedade de hoje.

Partindo desses pressupostos é que iniciamos a nossa proposta de pesquisa, a fim de coletar informações se os alunos e professores estão preparados para conviverem com os diferentes credos que existe em sala de aula.

A investigação da pesquisa foi organizada a partir da participação dos sujeitos envolvidos (alunos) no contexto da sala de aula, onde de forma espontânea, responderam questões norteadoras para o processo de coleta e análise de dados. Não obstante, a pesquisa seguiu uma abordagem fenomenológica, apoiada em bibliografias estudadas por teóricos como Pedro Oro, Cristina Tramonte, Mario Giordano, Erisvaldo dos Santos dentre outros, que nos ajudaram a compreender este universo mítico-religioso.

Acreditamos que, na medida em que alunos e professores tivessem esses pontos esclarecidos, isto é, aprendessem os significados dos conceitos dentro da cosmovisão das Religiões de Matriz Africana, poderemos amenizar os preconceitos e as violências vividas em sala de aula, violência essa, que se caracteriza como intolerância religiosa.

Metodologia - caminhar da pesquisa

Nosso caminhar neste trabalho parte da concepção de alguns teóricos sobre o que é metodologia e método na pesquisa, no que será definido logo a seguir.

Minayo (2007), apresenta três elementos importantes sobre a metodologia:

[...] a) como discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser realizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como “a criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações empíricas (MINAYO, 2007, p.44).

Para Gerhardt e Silveira (2002), *methodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para fazer

ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica.

A presente pesquisa pode ser classificada como descritiva e explicativa. Isto porque, deve a pesquisa em mãos, descrever características da reação dos alunos da educação de Jovens e Adultos da escola Municipal Rubens Sverner acerca da compreensão dos alunos em relação às religiões de matriz africana. Ao mesmo tempo, pode identificar fatores que determinam ou contribuem para a não aceitação dos professam esse credo religioso.

Quanto a metodologia, o trabalho em mãos faz a opção pelo método fenomenológico. Esta opção se justifica porque o método escolhido permite estudar a essência das coisas e como são percebidas no mundo, pois, o método fenomenológico, consiste em mostrar o que é apresentado e esclarecer o fenômeno, seja humano ou não.

A fenomenologia é o estudo das essências e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas também a fenomenologia é uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensar que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua facticidade (TRIVIÑUS, 2015, p.43).

Trajetórias na educação

Minha vida na educação inicia quando fui cursar o Magistério no Instituto de Educação do Amazonas (IEA) no ano de 1993. Quatro anos depois me formei e fui fazer minha primeira experiência com o magistério, pois comecei a alfabetizar Jovens e Adultos através de um projeto da Pastoral da Criança, pastoral ligada à Igreja Católica.

No ano de 1999, fui convidado à trabalhar na Escola Santa Maria Mazzarelo, instituição ligada as Salesianas de Dom Bosco (Freiras), onde fui trabalhar com a antiga 4ª série na época. Nesta instituição, foram proporcionadas muitas formações das quais aproveitei, temas ligados: a currículo, avaliação da aprendizagem, Ensino Religioso, Pedagogia de Dom Bosco dentre outros. Neste mesmo ano, uma freira que trabalhava lá, me informou que o Cenesch¹, iria formar a primeira turma de Ensino Religioso, foi

¹ Centro de Estudos do Comportamento Humano. Instituição na qual cursei a Licenciatura Plena em Ensino Religioso (2002).

quando me interessei e resolvi me inscrever no vestibular para cursar a Licenciatura Plena em Ensino Religioso. Estudei três anos intensivo no curso do Cenesch, que iniciou em 2000 e teve seu término no ano de 2002.

Trabalhei dois anos como professor contratado pela Semed (2003-2004). Em 2004 prestei concurso, sendo aprovado, tomando posse no ano de 2005. Sendo assim, sou concursado e faço parte do quadro da Secretaria Municipal de Educação (Semed) até os dias atuais, como professor de Ensino Religiosos da rede.

Os anos se passaram e em 2007 passei a militar no Movimento Social de Negritude. Hoje sou militante do Movimento Negro do Amazonas pelo Fórum Permanente de Afrodescendentes do Amazonas - FOPAAM², no qual faço parte da coordenação, representando a Associação de Matriz Africana Navêzuarina. Lutamos diariamente em favor dos Direitos Humanos que são violados principalmente pelo poder público que não cumpre o seu papel. Nossa bandeira é a luta pelo combate ao racismo, o preconceito, a intolerância religiosa e a discriminação racial.

Em 2008, senti a necessidade de aprofundar mais a temática na qual passei a militar, iniciei uma Pós-graduação em História e Cultura Afro-brasileira e Africana, a qual conclui em fevereiro de 2009. Meu projeto de pesquisa foi voltado para a liberdade religiosa nos cultos afro-brasileiro: um estudo na cidade de Manaus. Foi a partir dessa experiência social que passei a me interessar em pesquisar e estudar as Religiões de Matriz Africana com intuito de poder trabalhar com meus alunos como se dá o culto, como o sagrado se manifesta na cultura africana.

Trajetória acadêmica no curso de Ciências da Religião

O ingresso na Universidade do Estado do Amazonas se deu em 2015 por conta de muitas articulações e reuniões feitas no ano de 2013 com a grande colaboração da diretora do Centro de Formação Padre Anchieta (CEPAN-SEDUC) e a Coordenadora Geral do PARFOR, junto a Reitoria da UEA e a CAPES, que ao se sensibilizarem com a situação dos professores da rede pública por não portar diploma de graduação, empenharam

² É um Fórum de Negritude que existe há 14 anos na cidade de Manaus e tem como princípios atuar com os diversos segmentos do movimento negro na luta pelo combate ao racismo, o preconceito e a discriminação racial. Sua secretária executiva funciona na Cáritas Arquidiocesana de Manaus.

esforços para que o curso de Ciências da Religião funcionasse na Universidade do Estado do Amazonas.

A Universidade do Estado do Amazonas – UEA, é a primeira universidade pública do estado que ofereceu o Curso de Ciências da Religião com habilitação para o Ensino Religioso aos professores da rede básica de educação.

Durante estes quatros anos de estudos, aprendi muito com os professores e com as disciplinas do curso, pois, me fizeram compreender a importância de analisar o Fenômeno Religioso a partir das várias ciências no que tange as suas contribuições na história e na experiência humana, e seus desdobramentos na prática pedagógica, ou seja, me ajudaram a ensinar com mais propriedade científica e coerência.

A experiência com os professores que ministraram as disciplinas foi de grande valor para a nossa formação pessoal e para nos ajudar a qualificar a nossa prática pedagógica com os alunos. Foram feitas inúmeras atividades de cunho científico, porém, foi nas pesquisas de campo, que surgiu a necessidade de trazer para a academia e para o âmbito educacional a temática das Religiões de Matriz Africana, vista com muita suspeição e preconceito, preconceito este, velado, que é o pior de todos. Uma vez que, esse conhecimento está previsto em lei e que deve perpassar o currículo da escola. Estudar e pesquisar essa temática torna-se um caminho um tanto tenso e, é por conta disso, que nos propomos a investigar e desmistificar conceitos equivocados por muitas pessoas.

O curso foi tão gratificante que nos motivou a criarmos uma associação intitulada: Associação dos Cientistas da Religião e dos Professores do Ensino Religioso do Amazonas (**ACREPERAM**) para reivindicar direitos dos profissionais dessa área do conhecimento junto às secretarias de educação e às universidades para que espaços sejam criados para futuros professores, bem como pesquisas voltadas para as questões do Ensino Religioso, Diversidade Religiosa e Relações Étnico-racial.

Refletindo e contrapondo os resultados

No processo de investigação em sala de aula, optei em trabalhar com duas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), mais precisamente uma de 4ª fase e outra de 5ª fase no segundo semestre de 2016. Cabe ainda salientar que, a proposta do tema, foi

apresentado numa atividade da Secretaria Municipal de Educação – Semed Manaus no início do mês de novembro, intitulado: A lei 10.639/2003 e as Religiões de Matriz Africana – interfaces do fazer pedagógico.

Trabalhar com a EJA requer muita habilidade, pois, essa clientela, além de trazerem consigo suas experiências de vida, pois, elas não estão isentas de preconceitos acerca de assuntos que não dominam ou que só conhecem pelo senso comum. Desta maneira, tomei como pressupostos, alguns passos a seguir para introduzir o título da pesquisa:

- Primeiro, fiz com que os alunos conhecessem primeiramente a respeito da Lei 10.639/2003, pedi para que pesquisassem e em seguida pudéssemos debater o que eles entenderam. Em seguida, convidei a turma para um cine-debate com o título: Eu tenho fé, para que assimilassem ainda mais o conteúdo;
- Segundo, propus confecção de cartazes com as divindades das Religiões de Matriz Africana; o que eles já ouviram falar?

O trabalho realizado com os alunos em sala de aula foi desafiador visto que, observamos pré-conceitos e preconceitos acerca da temática proposta. Os alunos tiveram dificuldades em relatar o porquê dessas resistências. De forma bastante pedagógica, foram apresentados arcabouços legais que legitimam o estudo da temática no currículo da escola (Lei 10.639/2003). No final, já bastante esclarecidos, apresentaram trabalhos de confecções com uma qualidade e dedicação.

O resultado do primeiro momento se alinhou com o segundo momento, pois, os alunos após assistirem atentamente o vídeo, produziram cartazes e uma produção de texto básico como parte da assimilação do conteúdo trabalhado. Desta forma, foram trabalhados os conceitos sobre intolerância com os alunos a partir dos estudos que veremos a seguir.

A intolerância na escola

Ao iniciar a discussão sobre intolerância com os alunos, comecei com a seguinte indagação: vocês sabem o que significa tolerância? Você já foi intolerante com alguém? O que vocês já ouviram falar sobre religiões de matriz africana?

Após indagações, foi notório observar nos alunos as posturas de indiferença e repulsa em relação a última questão. Alguns alunos disseram: é coisa do demônio! “Vixi,” macumba! Dentre outros termos que escutei e anotei no meu caderno de anotações. Porém, percebemos claramente que a reação dos alunos configura-se no sentimento de rejeição e de ausência de conhecimento sobre o assunto discutido. É o que iremos contrapor com a fala de Santos.

A fala dos alunos se assemelha com o que diz Santos (2010), pois, segundo ele, a intolerância presente na escola e na sociedade opera com:

Três pressupostos básicos no que tange a questão da intolerância: o primeiro é educação escolar como espaço de formação e identidade socioculturais; o segundo, baseia-se nas atitudes de preconceitos e de intolerância com relação aos adeptos e às religiões de matrizes africanas e o terceiro, é que as religiões de matriz judaico-cristã, produzem uma invisibilidade das religiões de matrizes africanas e satanizando as entidades espirituais (SANTOS, 2010, p.42).

A intolerância religiosa está presente na esfera das relações humanas fundadas em sentimentos e crenças de caráter religioso. É uma prática que se autojustifica em nome de Deus; adquire o *status* de uma guerra de deuses encarnados em homens e mulheres que se odeiam e não se suportam (SILVA³, 2018. p. 65).

Segundo Silva (2018), a intolerância religiosa tem nuances e intensidade diversas: inclui desde manifestações de desrespeito, não reconhecimento do direito da liberdade religiosa, da existência institucionalizada e prática ritualista coletiva, ao ódio, perseguição religiosa destruição de patrimônios da humanidade e massacres em nome de Deus. A rigor, a intolerância religiosa é tão antiga quanto humanidade. Por que esta persistência? O que sustenta a intolerância? Como ela funciona na prática? Estranhamento cultural, medo, não aceitação da alteridade, apego excessivo aos dogmas, espírito de seita, sentimento e autopercepção de guardião da fé e verdades absolutas, fundamentalismos, incompreensão, desconhecimento, ignorância, etc., são aspectos que fundamentam as manifestações de intolerância religiosa. Mas, quais as suas origens? Quais as suas raízes mais profundas? Por que a intolerância religiosa persevera?

³ Antonio Ozaí da Silva, é professor associado do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá; Mestre em Ciências Sociais, com ênfase em Ciência Política (PUC-SP); Doutor em Educação (USP); Pós-Graduado em História das Religiões (DHI-UEM).

Como podemos observar Silva nos apresenta várias hipóteses acerca das causas da intolerância nos dias de hoje e isso é bastante salutar nos debruçarmos nessas indagações.

Um dado levantado por Santos (2010, p.47), é que os alunos/as pertencentes às religiões de matriz africana continuam sendo vítimas de preconceito racial e religioso. Sem que nenhuma atitude pedagógica seja tomada para impedir tal excrecência. O preconceito, a discriminação e a intolerância são tratados como se não fossem problemas éticos a serem enfrentados pelos rituais pedagógicos da escola, isso prova a naturalização dessas práticas nas relações sociais e principalmente na escola, como a reprodução e perpetuação de preconceitos e formas correlatas de intolerância.

Ainda assim, Santos (2010) exemplifica dizendo que o fato das pessoas agirem com posturas preconceituosas com as Religiões de Matriz Africana se dá a partir de uma negação de experiência de sagrado vivenciadas por elas, ou seja, há uma recusa em reconhecer a sacralização dos animais utilizados nos cultos como sendo algo satânico. Contudo, Santos compara que, só pelo fato das Religiões matriz Africana utilizar o sangue dos animais em sacrifícios, esquecem-se que a matriz judaico-cristã também fazia sacrifício no período páscoa e até os dias de hoje isso é celebrado.

A liberdade de expressão e de crença é um direito de todo ser humano, deve ser respeitado sem distinção de cor, raça, gênero, orientação sexual e religião prevista em lei. Contudo, deve ser incentivado, assimilado e praticado no cotidiano de nossas escolas, pois, muitas vezes estas desconsideram as práticas das Religiões de Matriz Africana, que por sua vez funcionam como espaço de solidariedade, onde as pessoas buscam resolver problemas pessoais e existenciais.

Religiões de Matriz Africana – compreendendo sua cosmologia.

Os alunos da EJA ao produzirem os materiais pedagógicos (painel, máscaras africanas dentre outros), foram compreendendo o universo mítico religioso das Religiões de matriz Africana. Depois de superado e esclarecidos os preconceitos em relação ao tema em questão. Os alunos compreenderam que o fato de trabalhar sobre as Religiões de Matriz Africana não foi algo isolado, pois, segundo a Lei 10.639/2003, faz parte do currículo também apresentar conteúdos referente a este assunto.

Considerando o que diz a Lei 10.639, de 09 de março de 2003, altera a Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, que introduz no currículo das escolas públicas e particulares o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no ensino fundamental e médio. Com base nisso, a disciplina de Ensino Religioso não poderá esquecer de trabalhar a cosmovisão religiosa africana como um dos pressupostos da lei.

Cabe salientar que, destacando o conteúdo programático da Lei 10.639/2003, ele deve perpassar por todo o âmbito do currículo da escola, sem exceção de nenhuma disciplina, todos deverão trabalhar a temática, principalmente a disciplina de Ensino Religioso. Desta forma, apresentaremos como se dá o culto nas religiões de matriz Africana, com o intuito de oportunizar aos alunos e professores que o pré-conceito e os preconceitos devem ser superados, caso contrário, nossas relações pessoais passarão a ser norteadas pela intolerância religiosa. Considerando a introdução desse conteúdo aos alunos, se fez necessário trazer os teóricos que discorrem sobre o assunto os quais ao longo do estudo, apresentaremos.

Trindade⁴ (2006) explica como se deu a inserção da lei no âmbito educacional:

A Lei 10.639/03, não foi criada verticalmente, “de cima para baixo”, como se costuma dizer, quando nos referimos a pacotes pedagógicos que não se constituíram a partir do diálogo com a comunidade escolar ou com a sociedade. Essa lei é a vitória de anos de luta pela valorização e reconhecimento do patrimônio da humanidade legado pela África e sua diáspora. A escola não pode mais negar à sua comunidade o acesso este rico patrimônio. Nessa direção, refletir acerca da teoria e dos conteúdos significativos ao ensino-aprendizagem de nossos educandos, numa perspectiva antirracista que visibilize as diversas marcas e presenças dos povos formadores da sociedade brasileira, tornou-se mais instigante. A Lei 10.639/03 que, entre outros caminhos, cria oportunidades de pensarmos o currículo de forma inter ou transdisciplinar, flexibilizando-o, focando, assim, conteúdos que visibilizem os corpos brasileiros na sua marca de Afrodescendência, buscando, não só o acesso e a permanência de nossas crianças e jovens na escola, como também o seu sucesso.

Trindade traz com muita propriedade o porquê de se trabalhar a temática das Religiões de Matriz Africana em sala de aula, haja vista, que este conhecimento deve ser oferecido como um direito à aprendizagem.

⁴ Azoilda Loretto Trindade. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais. Brasília: MEC/SECA, 2006.

Cerca de quatro milhões de negros africanos foram trazidos como escravos para o Brasil por volta dos XVI. Eram pessoas humanas trouxeram consigo poucas coisas ou quase nada, pois, eram obrigados a abandonar sua cultura e sua religiosidade. No domingo de manhã, eram obrigados a participar da missa junto com seus senhores, porém, em um espaço lateral distante. A noite iam para as senzalas, fechadas, onde os nagôs dançavam aos santos/orixás. Os senhores entendiam que era diversão deles. Na verdade, eles praticavam a sua religião, por meio da dança elemento principal da sua cultura, das músicas e dos rituais africanos. Dessa forma, cultuavam os orixás e cultivavam sua religiosidade (ORO, 2013, p.103).

As Religiões de Matriz Africana, denominadas também, como Religiões Afro-brasileiras, ao longo de sua história, sempre foram alvo de grande incompreensão, discriminação e de perseguições por parte da coroa portuguesa e da igreja católica, que imperou por meio do regime do padroado no que tange os aspectos políticos, deixando resquícios desta postura até dias atuais.

Tramonte (2013), diz, denominam-se Religiões Afro-brasileiras ou de Religiões de Matriz Africana:

O conjunto de práticas religiosas que se originaram dos povos africanos em nossa terra e nomeia-se também como povo-de-santo⁵, ou seja, praticantes do Candomblé, Umbanda, Batuque e Tambor de Mina. Elas conservam práticas, dogmas e crenças ancestrais, reinterpretadas à luz de valores morais e éticos emergentes na atualidade (TRAMONTE, 2013, p. 103).

Segundo Tramonte, a prática do culto afro se baseia num sistema de valores que pertencem a sua ancestralidade e que se recria todos os dias nos mais diversos terreiros através de seus mitos (cosmologia e cosmogonia).

Oro (2013, p.108) aborda com bastante propriedade o significado das Religiões de Matriz Africana, pois, é “a primeira religião que ensina o *sagrado da natureza*. Por isso, seus adeptos não destroem as plantas, as águas, a natureza, pois, tudo é criação de

⁵ Denominação utilizada para designar comunidade de pessoas que vivenciam uma crença religiosa.

Olorum⁶. Daí o uso expressivo de chás, de banhos cheirosos, alimentos com coisas que vem direto da natureza”.

Como podemos observar na fala de Oro, as Religiões de Matriz Africana se preocupam com a vida, ou melhor, com os diversos elementos que existem na natureza e isto, consiste em cuidar da vida. Haja vista, que essa religião está ligada a um ser superior, autor da criação. Ainda assim, conforme Oro (2013, p.108), ele diz que:

A religião é uma religião da vida, pois, seus filhos e filhas vivem, festejam, comem, cantam o amor, dançam a vida, com muita expressão corporal. Em seus ritos não podem faltar a partilha de comida, a fartura para seus filhos (as), a alegria, o movimento, a luz, a paixão e tudo isso é feito para celebrar com os seus ancestrais. A ancestralidade é uma marca das Religiões de Matriz Africana. Para eles, os antepassados não partiram, estão nas coisas, na terra, na água, no fogo, nas plantas, nas casas. Os alimentos são carregados de axé, isto é, força-energia divina que está presente nos alimentos.

De acordo com Oro, as religiões de matriz africana, tem uma responsabilidade com a vida, festejam a vida de corpo e alma por meio da corporeidade. Isso torna a religião uma prática celebrativa cotidianamente.

Assim como Oro e Tramonte, Giordani (2004, p. 68) exemplifica que:

As religiões de matrizes africanas são organizadas em torno da noção de casa. Esta casa onde se realiza o culto pode possuir dimensões amplas, também conhecidas como terreiros. Os terreiros na verdade são espaços simbólicos construídos à luz das tradições africanas, à semelhança de reinos como o de Angola, Congo, Daomé, Oyó e outros, destruídos pela escravidão. Agora, nestes espaços, não são cultuados somente ancestrais de regiões específicos do continente africano, mas aqueles trazidos pelos diversos homens e mulheres que chegaram na condição de escravos durante mais de trezentos anos.

Giordani também esclarece como são organizadas as religiões de matriz africana, nas quais todo o seu conjunto é caracterizado como uma casa, onde nessa relação as pessoas são chamadas de pai, mãe e filhos de santo.

Cabe salientar que, nos terreiros ou casa de santo, expressão popular mais utilizada pelas religiões de matriz africana, a dança e o canto, também são fatores muito importante, assim como a roda ou melhor o círculo, elemento da cosmovisão africana.

⁶ Olorum na visão dos afro-religiosos é o Deus todo poderoso.

É através da *roda* no terreiro onde se forma uma grande corrente de oração, em que as pessoas se tornam divinas, é onde acontece o grande momento vivido de forma particular, quando os Voduns e Caboclos se mostram ou incorporam através do corpo de homens e mulheres nos terreiros por um espaço de tempo curto ou longo até retornarem ao seu plano espiritual. A chegada de uma *entidade espiritual*, no terreiro se dá com os pontos cantados ao toque do tambor e quando a própria entidade pede ou recebe da mãe de santo ou pai de santo ou da guia da casa, um pano que o identifique, traçando sobre o corpo da pessoa que a incorporou, é o momento em que a pessoa entra em *transe*, ou seja, estado na qual a pessoa sai de si mesma, passando a assumir outra identidade. (ANCHIETA e DAGAMA, 2011).

Este é o modo como os adeptos das Religiões de Matriz Africana exprimem a sua religiosidade (cosmologia e mitologia) e que as pessoas na sociedade precisam entender a fim de não elaborarem conceitos equivocados ou até mesmo preconceituoso daquilo que não se conhece. É preciso respeitar e valorizar todas as expressões de fé presente no Brasil e no estado do Amazonas.

Considerações finais

A pesquisa em questão procurou refletir sobre como os alunos da Educação de Jovens e Adultos aceitariam o conteúdo a ser estudado em relação as Religiões de Matriz Africana. Percebemos que ao longa da trajetória da investigação foi necessário estabelecer algumas atividades a ponto de não tornar tenso o estudo. Cabendo então, fazer com os alunos uma oficina de turbante considerando que o turbante retrata um pouco da cultura negra e afro-religiosa como um elemento e acessório utilizado diariamente na cabeça. Foram realizadas também apresentação dos trabalhos produzidos em sala de aula, tais como cartazes, máscaras africanas e um grande painel para apresentar numa grande culminância com todos os alunos da escola.

Apesar do primeiro impacto dos alunos ter sido de incompreensão acerca do assunto trabalhado, foi possível perceber o desprendimento do pré-conceito acerca das Religiões de matriz Africana, quando começaram a compreender como se dá o universo religioso da religião estudada e passaram a reconhecer como uma religião válida e digna de respeito também.

Em se tratando da postura da escola frente as situações de preconceito e discriminação, ainda falta muito da gestão da escola em compreender que se faz necessário incluir no seu Projeto Político Pedagógico a implementação da Lei 10.639/2003 como parte das ações da escola de maneira que possa superar todo e qualquer tipo de preconceito, discriminação racial e religiosa.

Sem dúvida, se não fosse a oportunidade de cursar Ciências da Religião na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), não teria suporte suficiente para aplicar na prática pedagógica, ou seja, na sala de aula o conteúdo proposto. Essa deveria ser a prerrogativa para o professor de Ensino Religioso, ter formação específica e qualificada para poder atuar com mais propriedade em sala de aula.

Referências

ANCHIETA, Arlete. DAGAMA, Gláucio. **Liberdade Religiosa nos cultos afro-brasileiros: um estudo na cidade de Manaus**. Artigo apresentado ao XI Congresso Luso Afro e Brasileiro – CONALB. Salvador - BA, 2011. Disponível em: <http://docplayer.com.br/17177937-Liberdade-religiosa-nos-cultos-afro-brasileiros-um-estudo-na-cidade-de-manaus-amazonas.html>

BRASIL. Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003. **Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a implementação das Relações Étnico-raciais. República Federativa do Brasil.

GERHARDT, Tatiane Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) – UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

GIORDANI, Mario Curtis. **História da África** – anterior aos descobrimentos. 4. ed.. Vozes Petrópolis - RJ.

ORO, Ivo Pedro. **O fenômeno religioso: como entender**. São Paulo: Paulinas, 2013. – (Coleção temas da religião).

MINAYO, M.C.S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

TRAMONTE, Cristina. **Religiões de afro-brasileiras: direitos, identidades, sentidos e práticas do “povo-de-santo”**. (Coleção: Diversidade Religiosa e direito humanos: conhecer, respeitar e conviver) / Reinaldo Matias Fleuri... [ET AL. (Orgs.)], Blumenau: Edifurb, 2013.

TRINDADE, Azoilda Loretto. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais**. Brasília: MEC/SECA, 2006.

TRIVIÑOS. - Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais – A pesquisa qualitativa em Educação O Positivismo. A Fenomenologia; O Marxismo**. Editora Atlas S.A – 2015.

SILVA, Antonio Ozaí da. **O que é intolerância religiosa?** Lisboa: Escolar Editora, 2016, (162 págs.) – **Revista Espaço Acadêmico** – n. 203 – abri/2018.

SANTOS, Erisvaldo P. dos. **A educação e as religiões de matriz africana: motivos da intolerância**. UNILEST-MG/1997.

SANTOS, Erisvaldo P. dos. **Formação de professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. (Coleção Repensando África, volume 4).

Submissão: Jul. 2018

Aprovado: Dez. 2018